

O OUTRO EM “BORGES E EU”

Aline Simone de Faria Marelli, Virginia Maronese, Teresinha de Fátima Nogueira

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Rua Tertuliano Delfin Junior, 181 – Jd. Aquarius, São José dos Campos/SP
alinemarelli@hotmail.com, virginia_maronese@yahoo.com.br, terenog@univap.br,

Resumo - Este artigo apresenta uma análise introdutória do texto “Borges e Eu” a partir dos conceitos da Análise do Discurso de Linha Francesa, dando maior enfoque ao conceito de heterogeneidade constitutiva desenvolvido por Authier-Revuz. A análise busca observar o “Outro” (manifestação do sujeito do desejo pelo inconsciente) que existe em Borges, mostrando que Borges é estrangeiro a ele mesmo numa perspectiva de que o discurso estabelece relação de poder e de disputa identitárias.

Palavras-chave: discurso, sujeito, heterogeneidade constitutiva

Área do Conhecimento: Linguística, Letras e Artes

Introdução

O presente artigo faz parte de uma pesquisa em andamento cujo propósito é analisar o conto “Borges e eu” (em anexo) de Jorge Luis Borges à luz do referencial teórico da Análise do Discurso Francesa (doravante AD).

A AD é uma disciplina que toma o discurso como objeto da análise, sendo assim, segundo o dicionário de análise do discurso (MAINGUENEAU & CHARAUDEAU, 2006), isso confere a ela um caráter mais restritivo, ou seja, é a partir do que está materializado no discurso que buscaremos subsídios para realizar a análise.

Neste sentido, não dá mais para pensar no discurso como sendo homogêneo, pois ele não pertence a um só, mas sim, a discursividade coletiva que constitui o sujeito.

Sendo assim, objetivamos investigar a relação de alteridade e sua reversibilidade nas posições discursivas assumidas pelo(s) sujeito(s) Borges. Para atingir tal objetivo recorreremos ao conceito de heterogeneidade constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 2001), pois o “outro” é revelado não apenas a partir da materialidade lingüística, mas principalmente pelo Outro do inconsciente que aflora na discursividade do mesmo.

Metodologia

O percurso metodológico é constituído por pesquisa bibliográfica, em que são utilizados alguns conceitos da AD, tais como discurso, sujeito e heterogeneidade constitutiva, baseando-nos em estudos de Fernandes (2007), Orlandi (2007), Coracini (2007) e Authier-Revuz (2001). Outro procedimento é a análise do corpus em questão que se trata do texto “Borges e eu” de Jorge Luis Borges, em que discutimos as posições discursivas e os outros assumidos pelos Borges, outros que podemos analisar como sendo o social e o desejante, sendo que o primeiro é o exterior, aquele que está inserido na sociedade, enquanto

que o segundo refere-se à manifestação do desejo pelo inconsciente, ou seja, é o desejante que o social de forma inconsciente tenta controlar.

Resultados e Discussão

A AD desenvolve-se nos idos dos anos 60 a partir das condições políticas da França, tendo em Michel Pêcheux seu fundador. De acordo com Orlandi (2005), num primeiro momento, a AD foi utilizada para analisar o discurso político, uma vez que Pêcheux concebe o discurso como sendo o lugar onde as relações entre linguagem e ideologia manifestam-se e através da análise desta manifestação no discurso é que se torna possível observar como as relações de poder são significadas e simbolizadas pelos sujeitos discursivos e seus interlocutores a partir do posicionamento sócio-histórico e ideológico em que se encontram; não se trata de uma simples interpretação textual, mas uma forma de chegar a tudo aquilo que é opaco e ambíguo no discurso.

A AD entrecruza-se com outras disciplinas: História, Psicanálise e Linguística e esta inter-relação, de acordo com Fernandes (2007, p.69), faz da AD “uma disciplina de caráter transdisciplinar”. Sendo assim, a lingüística nos permite observar a materialização no discurso da relação ideologia/linguagem, uma vez que a ideologia materializa-se na linguagem e a linguagem na ideologia, materialização esta que fornece material concreto para a análise. A psicanálise contribui com a teoria lacaniana do inconsciente, com a visão do “outro” (social) e do “Outro” (desejo), que constituem o sujeito, sujeito este inserido em um determinado momento histórico e social que traz em seu discurso os traços da sua ideologia e de tudo o mais que o constitui e o interpela, fazendo com que jamais seja o centro do seu dizer, mas sim, um sujeito descentrado. A história aqui, não é vista como uma sucessão de acontecimentos cronológicos, ela está diretamente ligada ao momento histórico-

social em que o sujeito enuncia seu discurso permitindo ao analista observar as condições de produção do mesmo.

De acordo com Orlandi (2007, p. 15), “o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Desta forma, o sujeito usa a língua não somente como um sistema de comunicação sem levar em conta a realidade, mas sim, como maneira de significar e de produzir sentido em determinado momento histórico, social e ideológico.

O discurso para AD não é a fala, não é a escrita, mas ele precisa desses elementos para se materializar. Ele é uma rede discursiva, no qual colocamos em movimento outros conceitos como língua, sujeito e história. O discurso é repleto de ideologia, ou seja, as concepções de uma determinada sociedade em um dado momento histórico fazem parte da constituição do sujeito discursivo inserido nesta sociedade e através da linguagem o sujeito manifesta a ideologia no seu discurso. Assim podemos dizer que a ideologia envolve uma exterioridade a língua e que o discurso não tem apenas um sentido já que os interlocutores carregam diferentes posições ideológicas. Segundo Orlandi (2007 p. 17):

o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por / para os sujeitos.

Ele é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo. O discurso é movimentado, constituído por outros discursos, ele não é homogêneo, não é estático e nem uno, pois vem atravessado por outros que o antecedem.

A partir do momento sócio-histórico em que o sujeito está inserido, podemos observar o jogo discursivo em que as palavras são produzidas e resignificadas, de forma inconsciente, conforme a posição ideológica do sujeito, e é esse jogo que chamamos de formação discursiva. A formação discursiva determina o que pode ou não ser dito em um determinado momento. Para exemplificar melhor tomemos de empréstimo o exemplo de Fernandes (2007) que mostra a utilização de dois substantivos diferentes, “ocupação” e “invasão”, para designar uma mesma ação, a tomada de terras pelo movimento dos Sem-Terra. A escolha de um ou de outro substantivo mostra que o sujeito assume uma posição diante da situação, caso for simpatizante ou pertencer ao movimento usará o substantivo “ocupação”, pois aqui designa a utilização de algo obsoleto e não de terras produtivas o que não seria um crime; já o substantivo “invasão” é utilizado pelos proprietários das terras e designa uma situação ilegal indicando que os que participam desta tomada são criminosos.

Podemos observar então diferentes posições ideológicas manifestadas no discurso determinadas pelo momento histórico-social em que a situação se dá; fora deste contexto os substantivos assumiriam outra conotação. Segundo Orlandi (2007 p. 43):

a noção de formação discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise do Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso.

No interior da formação discursiva, temos a interdiscursividade, a alteridade discursiva que é oriunda dos diversos discursos constituídos pela/na exterioridade; é a retomada de um outro discurso no seu discurso (intradiscurso), isto é, são os vários discursos (social, familiar, religioso, político, etc.) que se juntam para formar o discurso próprio que se fala acreditando que é seu e que em nenhum momento é constituído por outro. É um plano de ilusão. É pelo fato do sujeito não ter a noção do que seja memória discursiva que ele cria a ilusão de ser “uno”, de ser fundador do seu próprio discurso, pois sendo a memória discursiva pertencente ao inconsciente, ela deixa de ser consciente e cognitiva, o que o impede de enxergá-la, pois é na verdade um conjunto de informações que vão sendo armazenadas com o decorrer do tempo e passam a constituir o discurso do sujeito, sendo possível identificar de que posição o sujeito se manifesta.

Segundo Coracini (2007, p.9):

compreende-se interdiscurso como fragmentos de múltiplos discursos que constituem a memória discursiva [...] fragmentos esses que nos precedem e que recebemos como herança e que, por isso mesmo, sofrem modificações, transformações.

Dentro dessa trama de discursos que formam o discurso é que teremos a manifestação do(s) outro(s), “outro” e “Outro”, que dão o tom de “conflito” no texto. O discurso é então o lugar comum, onde “outro” e “Outro” se manifestam. Ainda que para o sujeito a ilusão da homogeneidade seja necessária para que ele possa ter a sensação de que controla o seu discurso, é através dos “conflitos” que percebemos as marcas da heterogeneidade no discurso. Tendo em vista tal informação observa-se que o sujeito é um produtor de discursos, discursos estes que são carregados de ideologia.

Deste modo à materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade deste é a língua, e essa relação se completa com a idéia de que não existe discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Esse sujeito da linguagem opera pelo

inconsciente que fala de uma posição social. Fernandes (2005, p. 33) afirma que o sujeito do discurso não é individualizado, e sim, um sujeito social, ou seja, ele se relaciona através do discurso que não lhe pertence, mas que é carregado do discurso do outro.

O indivíduo adquiriu o costume de enxergar a si mesmo apenas como uma identidade isolada, domado, sem se dar conta que é fruto de uma sociedade constituída pela família, escola, religião e outras instituições que agem sobre suas vidas para impor formas de individualidade. Porém, o discurso de cada um não é individual, ele se entrelaça a outros discursos ideológicos e como diz Orlandi (2005, p. 46), “este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”. É a partir disto que o sujeito e sentidos se constituem.

Além de ser o lugar da manifestação da ideologia é também no discurso que a heterogeneidade do sujeito se manifesta, pois é através dele que se torna possível observar a manifestação dos “outros” que constituem o sujeito. Sendo assim, analisamos o outro manifestado no discurso e não o discurso manifestado no outro.

Partindo dos estudos de Authier-Revuz (2001), podemos caracterizar a heterogeneidade como mostrada e constitutiva. A heterogeneidade mostrada é identificável no discurso através de formas lingüísticas como as aspas, glosas, discurso direto e indireto, etc. A heterogeneidade constitutiva, conceito que usamos nesta análise, refere-se ao implícito, ou seja, o outro que não se mostra claro no discurso, e que vai emergindo através da análise. Fernandes (2007, p. 39) retoma Authier-Revuz para mencionar o conceito de heterogeneidade.

A noção de heterogeneidade, conforme propõe essa autora, visando à compreensão do sujeito, é subdividida em duas formas. Temos a heterogeneidade constitutiva como condição de existência dos discursos e dos sujeitos, uma vez que todo discurso resulta do entrelaçamento dos diferentes discursos dispersos no meio social. O sujeito constituiu-se pela interação social estabelecida com diferentes sujeitos. A segunda forma de heterogeneidade é a mostrada. Nesse caso, a voz do outro se apresenta de forma explícita no discurso do sujeito e pode ser identificada na materialidade lingüística.

Damos mais ênfase ao conceito de heterogeneidade constitutiva, uma vez que é através dele que realizamos as discussões da análise do texto de Borges, texto este que se apresenta sem marcas lingüísticas que indicam a

presença da heterogeneidade mostrada, tais como aspas, glosas, citações, etc, porém, evidencia mais de um sujeito discursivo. Para desenvolver o conceito de heterogeneidade constitutiva, Authier-Revuz busca auxílio no dialogismo bakhtiniano e na psicanálise vista sobre a leitura lacaniana de Freud. Do dialogismo temos a visão do lugar do outro no discurso que é produzido pela linguagem e estruturalmente clivado pelo inconsciente, ou seja, o discurso nunca é individual, não existe neutralidade, pois nele se manifestam o eu e o outro. Da psicanálise, a autora apropria-se da idéia que a fala é heterogênea e que o sujeito é dividido. Podemos dizer que a palavra não tem significação fechada, ou seja, não produz o mesmo efeito em A e B. É nesta “falha”, Teixeira (2005), ou seja, na multiplicidade de significação, que o sujeito tem a impressão de que sua seqüência discursiva foi quebrada e que algo fugiu ao controle, e é neste momento que a psicanálise dá a sua contribuição, denominando este acontecimento como ato falho e que se apresenta sobre diversas formas, é dentro deste contexto que o outro se manifesta através do discurso revelando o desejo inconsciente.

Não é só na fala do dia a dia que esta ruptura se manifesta, ela pode se apresentar em um texto literário. O texto literário é um objeto estético e ao mesmo tempo um objeto lingüístico. Como objeto estético Pound (1995, p.32) o definiria como *linguagem carregada de significado até o máximo grau possível*, já como objeto lingüístico, ele é atravessado por discursos diversos como o religioso, filosófico, o científico, etc., e neste sentido ele é um discurso constituinte. Segundo Maingueneau (2006, p. 60) o discurso constituinte é a categoria que permite melhor aprender as relações entre literatura e filosofia, literatura e religião, literatura e mito, literatura e ciência. Sendo assim, podemos pensar em discurso literário como discurso constituinte e é partindo do conceito de heterogeneidade constitutiva e do discurso literário como constituinte que analisamos o texto “Borges e eu”.

No texto “Borges e eu” é possível entender que este EU do título refere-se ao Outro de Borges, ou seja, o sujeito do desejo que aqui torna-se o sujeito discursivo principal para determinar/delinear seu espaço discursivo já que ao final tudo passa a ser de Borges. O que observamos então é que o Outro fala de si. Este falar de si Coracini (2007, p.117) trata como sendo a construção de uma história, *uma ficção que se torna, pela discursividade, uma verdade, melhor dizendo, uma realidade* e como o discurso dos dois sujeitos constituem-se, ou melhor, os sujeitos constituem-se, o Outro torna-se real apenas em Borges, sua existência no mundo fora do sujeito social é impossível o que se torna uma frustração.

Partindo dessa impossibilidade de manifestação real do desejante (Outro) e de sua constante irritação frente esta impossibilidade, podemos enxergá-lo como estrangeiro a Borges se levar em consideração às diferenças existentes entre os dois e que o próprio Outro vai apresentando ao longo do discurso. Este estrangeirismo mostra-se não tanto por diferenças culturais, já que a cultura de um constitui o outro, mas sim pelo modo como o sujeito social e o desejante trabalham com o mesmo arquivo. Segundo Coracini (2007, p.17) *para Foucault o arquivo é responsável pela materialização das práticas discursivas*, deste modo temos formas diferentes para re-significar o mesmo arquivo a partir da posição discursiva de cada um dos sujeitos, assim o Outro e Borges re-significam este arquivo a partir de posições diferentes.

Observando então o texto, temos nas primeiras linhas a forma como o Outro, enquanto sujeito discursivo que cria a história, fala de si e de Borges e quando ele diz [...] *Seria exagerado afirmar que nossa relação é hostil; eu vivo, eu deixo-me viver, para que Borges possa urdir a sua literatura, e essa literatura justifica-me [...]*, ele estabelece e assume que há um conflito entre os dois e que se deixa viver porque só pode existir em Borges apesar de desejar tornar-se o sujeito real, o que também podemos verificar com o trecho [...] *Eu hei de ficar em Borges, não em mim (se é que sou alguém) [...]*.

Fica então estabelecida uma constante disputa em que Borges sempre toma a identidade do Outro e a cada nova tentativa de reinventar-se tudo se perde, pois Borges toma para si tudo o que foi reinventado. Assim, é no Outro que Borges encontra abrigo para fazer o que não lhe é permitido enquanto sujeito social é através dele que se torna possível fazer e dizer tudo aquilo que é proibido, fazendo do Outro o seu lugar de refúgio, o que se justifica praticamente ao longo de todo texto, pois tudo é perdido para que Borges possa viver.

Conclusão

Orlandi (2005) diz que *com a AD podemos compreender como as relações de poder são simbolizadas*, acrescentamos que ela também possibilita uma outra maneira de olhar o fenômeno da manifestação do(s) Outro(s) no discurso do sujeito. Manifestação esta que se dá na falha, na multiplicidade de significações a partir do momento em que o sujeito, que embora não tenha controle daquilo que diz, mas que se apóia nesta ilusão, perde a sensação de que controla o dizer.

Apoiados nestes conceitos da AD é podemos enxergar no texto "Borges e eu" a manifestação do Outro, que se torna o sujeito discursivo e como Borges, o sujeito social, estabelece seu espaço

discursivo apropriando-se de tudo o que é do outro.

Como o que ainda temos são apenas considerações preliminares, uma vez que o presente artigo faz parte de um trabalho em andamento, o que mostramos aqui é apenas o ponto de partida para analisar como os conceitos enfocados manifestam-se no texto literário, que aqui tomamos como objeto lingüístico e assim caracterizamos como discurso literário e como influenciam a (re) significação do leitor.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: As não-coincidências do dizer**. Campinas: Unicamp, 2001.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7ª edição. Campinas: Pontes, 2007.

TEIXEIRA, Marlene. **Análise do discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso**. 2ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

ORLANDI, Eni P. **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso**. Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, n1, p. 9-13, junho de 2005.

Anexo

Borges e eu

Ao outro, a Borges, é que acontecem as coisas. Eu caminho por Buenos Aires e demoro-me, talvez já mecanicamente, na contemplação do arco de um saguão e da cancela; de Borges tenho notícias pelo correio e vejo seu nome num trio de professores ou num dicionário biográfico. Agradam-me os relógios de areia, os mapas, a tipografia do século XVIII, as etimologias, o sabor do café e a prosa de Stevenson; o outro comunga dessas preferências, mas de um modo vaidoso que as converte em atributos de um actor. Seria exagerado afirmar que nossa relação é hostil; eu vivo, eu deixo-me viver, para que Borges possa urdir a sua literatura, e essa literatura justifica-me. Não me custa confessar que consegui certas páginas válidas, mas essas páginas não me podem salvar, talvez porque o bom já não seja de alguém, nem sequer do outro, mas da linguagem ou da tradição. Quanto ao mais, estou destinado a perder-me definitivamente, e só algum instante de mim poderá sobreviver no outro. Pouco a pouco

vou-lhe cedendo tudo, ainda que me conste o seu perverso hábito de falsificar e magnificar. Espinosa entendeu que todas as coisas querem perseverar no seu ser; a pedra eternamente quer ser pedra, e o tigre um tigre. Eu hei-de ficar em Borges, não em mim (se é que sou alguém), mas reconheço-me menos nos seus livros do que em muitos outros ou no laborioso toque de uma viola. Há anos tratei de me livrar dele e passei da mitologias do arrabalde aos jogos com o tempo e com o infinito, mas esses jogos agora são de Borges e terei de imaginar outras coisas. Assim, a minha vida é uma fuga e tudo perco, tudo é do esquecimento ou do outro.

Não sei qual dos dois escreve esta página.

BORGES, Jorge Luís. **O Fazedor**. Obras Completas. São Paulo: Globo, 1999 (Vol.II)